

MANO

Diogo André Barbosa Martins¹*«Sometimes is never quite enough...»*

O que te aconteceu, mano? É que de repente deixaste-me sem chão. Apanhaste-me desprevenido com esse tom de voz quase inaudível, esse choro contido em palavras roucas de um significado para mim original. Gelei por dentro: é que eu fiz de ti alguém mais forte do que eu alguma vez fui, tu, esse desportista emocionalmente sereno, lago de morna indulgência, aluado moratório em pessoa. Tu, meu estranho amigo, tão estranho quanto eu, neste por si só estranho mundo, criado pelo mais estranho dos criadores. Tu, pura ingenuidade nos cómicos trambolhões desse jeito de receber o mundo sem filosofia, só com esses olhos deslumbrados pelo riso e para o riso. Percebes o que digo? Julguei-te mal e engoli em seco, só para que nunca te sentisses julgado...

Estás triste, eu sei. Já percebi que sim. Queres dizer-me porquê? Tudo bem, a sério. Desculpa-me a invasão, apenas acho que nunca te conheci tão bem assim. Pensava que, de certa maneira, de uma certa otimista e redentora e compassiva maneira, o teu coração trabalhasse de maneira diferente, sentisse a dor de outra forma, não tão cardiovascular e epidérmica e assim, isso que te sai assim, assim tão enraivecido e tão dececionado, assim tão pequeno e tão grande. Não sabia que para ti a dor também doía. Eu não me lembro sequer se alguma vez te vi chorar.

Deixa-me só tentar dizer isto. Sou licenciado em palavras, mas conjugar o verbo amar não é a mesma coisa que abri-lo de par em par na palma das mãos. Ser-se humano é viver uma vida inteira com pernas trémulas e um nó na garganta. Enquanto deformas a almofada com os teus movimentos intranquilos e as unhas roídas, nesse sono que não vem, e amontoas lenços de papel às escondidas, não queiras ao longo de tudo isso ser assim tão estoico. As perdas são tão humanas quanto os ganhos e tu és um vencedor nato, mesmo quando escutas o som amorfo de bandeiras e de aplausos, a cor tépida dos hinos de júbilo, a cabeça quente da corrida – e depois te apercebes que sonhaste, como nos desenhos animados. Mas és sempre coroado de heras. Sempre. Mesmo nos instantes de descontrolo

¹ Doutorando em Ciências da Literatura – Ramo Teoria da Literatura na Universidade do Minho (Braga – Portugal), associado ao Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) e bolseiro de investigação da FCT no projeto “*Making room for every emotion: a escrita musical de Alanis Morissette*”, orientado pela Doutora Eunice Ribeiro e coorientado pela Doutora Margarida Pereira.

pueril (o homem nasce desprevenido e assim continua, sabiamente desprevenido) em que estes baques hooligânicos chocam, assim, contra a tua inerme força anímica... esse teu metabolismo de herói. Pensa nas bandas desenhadas...

Não sei se te ensino ou ensinei alguma coisa. Alguma coisa mesmo. Só quis compensar em ti o pai que não fui, o irmão que não tive, tudo de um modo tão vigilante e paternalista, correndo o risco de te asfixiar só para te proteger, de um modo tão monolátrico, meu amigo, quase cultural, quase imenso... Tantos quases que tentei ser para ti só para seres melhor do que eu alguma vez fui, só para te iludir sobre todos os ossários, catacumbas, masmorras e valas comuns que se escondem neste mundo de jardins burgueses, com cedros adornados de néon, duendes de plástico e fadas-madrinhas com antidepressivos pulverizados no seu pó de estrelas. Tentei dar-te essa ilusão com palavras, com coisas boas para pensares, leres e rires, nessa vila genuinamente feérica onde ancoras o corpo e os teus mundos possíveis crescem, deixando marcas residuais em tudo aquilo que exalas, trocando cromos, ciência, jogos de cartas, caramelos de fruta, migalhas e livros de bolso, cambiando uma mão por outra mão, um mano por outro mano, uma existência intacta por outra tão igual que me comove. Sim: se olhasses para mim agora, não verias os meus olhos com lágrimas, mas os meus olhos comovidos. E eles continuam bonitos, assim comovidos, assim negros, assim vulneráveis e sinceros, como os teus. E isto é tão verdadeiro quanto a velha história doméstica da cenoura na sopa, o grande segredo culinário para tornar os olhos bonitos no dia em que formos grandes, no dia em que a nossa altura física entrar num desajuste sísmico com a grandeza dos planos gatinhados...

A sério, meu irmão, podes chorar. Se tiver que ser, resvala, cai, sangra, brinca com o fogo, estica o dedo em direção ao espinho. Não adies a dor para outro dia e para outra noite: a dor tem a mesma agenda que o teu êxtase quando rematas e gritas “golo”.

«There's a few more bruises, if that's the way you insist on heading...»

... e tu és quase meu filho, sangue desta transcendência trazida à flor da pele, humor da nostalgia dos lugares onde fui feliz sem pôr o nome felicidade em todas as etiquetas, frascos de compota (se somos irmãos, temos armários com frascos de compota), anjinhos de porcelana (se somos irmãos, vemos anjos de porcelana em cima das mesinhas redondas da nossa avó), brinquedos esgotados, desbotados e ao deus-dará no terraço de

cimento por varrer, com vasos secos e plantas bravas nascidas à revelia (se somos irmãos, existe no terraço desta nossa casa brinquedos que passaram de ti para mim ou de mim para ti, numa troca de padrinhos, Natais e folares da Páscoa, mais os vasos da loja dos trezentos; e se somos irmãos, nascemos à revelia um do outro, como Abel e Caim, antes de Deus entrar ao barulho, estragar o filme e anoitecer mais um mito com a sua mania de protagonismo...). És meu filho e eu leio-te as composições tremidas, os poemas em acróstico, as crónicas sobre guarda-chuvas que abrigam ursos homicidas ou dias de sol, sobre barcos onde «jazem restos de dias geniais». Corrigo-te erros ortográficos e tu (quase) não levas a mal, porque sou teu irmão.

E, pelo meio de tudo isto, eu sou quase filho teu. Saldas-me dívidas e dúvidas com mesadas de compromisso tácito e onisciente galhofa no fim de tarde. Empurras-me o triciclo, levantas-me do chão quando caio de queixo no escuro, quando rasgo os joelhos no asfalto, quando vamos aos funerais das pessoas antigas, daquelas que tinham fotos a preto e branco, que provam terem sido sempre bonitas, cândidas e rústicas. És tu que pedalas na bicicleta de dois lugares, indo eu atrás, todo contente, todo importante, todo irmão. É teu o dinheiro que roubo às escondidas para comprar o teu presente de Natal. São tuas as revistas sobre extraterrestres, mulheres nuas, clonagem, a vida humana de Cristo e sua esposa, as civilizações perdidas, os dinossauros. É tua esta camisa que trago vestida e que te deixou de servir cedo demais. São teus estes jogos de cartas, estes truques de ilusionismo, este tabuleiro de xadrez sem metade das peças, estas fotocópias de Química, este microscópio partido, estes busca-pólos na gaveta das meias, esta gilete, estes livros do Tio Patinhas. És tu que estás nesta fotografia tirada na escola primária, com uma tela de outono como fundo. És tu quem me ensina a fazer o ponto de embraiagem e a estacionar o carro sem atabalhoadas manobras, com gargalhadas de sobra. (Onde vamos?)

A minha gravata do baile de finalistas será usada por ti – os irmãos nunca estão fora de moda, mesmo passado mil anos – e a tua gravata será usada por mim quando casar e te escolher como meu padrinho. E por aí fora. E por aqui dentro. Gémeos sanguíneos, com quartos desarrumados, o mesmo cobertor de inverno, os pijamas com o mesmo padrão. E onde está o esclarecimento biológico para a cumplicidade? O que sabe a ciência sobre nós? E a literatura (ou a psicologia, mas com títulos alternativamente sugestivos), que sabe ela sobre nós e este pronome que nos distrai timidamente desse âmagô pulsante, desse caroço de osso de íntimo, esse núcleo tão quente e tão inacessível aos dicionários e à sagesa

polimática? Os pronomes substituem tão fragilmente os nossos nomes, com tanta escassez psicosssemântica... teríamos de reinventar toda uma linguagem com signos de silêncio, uma mímica de mãos e de mãos sobre algumas moedas emprestadas, idas à praia e abraços (tão cruelmente) ocasionais.

Onde está a explicação convincente e iluminada sobre tudo isto que disse e sobre tudo isto que não sei dizer? Einstein disse que, quando as abelhas desaparecerem da face da Terra, nós teremos somente de evitar que nos exterminemos uns aos outros num prazo de quatro anos, data que a natureza definira como obituário massivo no seu verde calendário de húmus. E eu temo pelas abelhas, amigo, pelas pobres guardiães do nosso pólen de humor, frágeis sentinelas do nosso rumor de asas, polícias melífluas, polícias secretas que exaurem o tempo contra o não-tempo desse atômico quatriénio. Que cenário sem cenário! Consegues imaginar o fim do mundo, o fim do teu nome, sem registo civil e sem memória quente, o fim disto aqui, desta esplanada escolar, deste caderno emprestado, desta música parva, desta foto onde rivalizamos alturas e mútuo deslumbramento (as fotos são lugares cartografados no mapa fluído dos nossos rostos, com e sem barba, com e sem memória), deste minimercado onde pagamos o lanche a meias? Consegues imaginar o fim de tudo o que somos, sem que o deus ou os deuses se preocupem em contar as esmolas milenares, os ofertórios solenes e a fé de todos os acamados que vivem nos nossos condomínios? Deuses de estátua, deus de cerâmica saloia num crucifixo cheio de pó e teias de aranha nas pretensas chagas, ignorando o nome que pronunciei quando pronunciei o teu nome em voz alta, desprotegendo tudo o que é nosso, falhando aquilo que se vende na religião higienizada e se esconde nas tardes poeirentas da catequese?

«If you're the best, then maybe so am I compared to him, compared to her...»

(Se me olhares de frente, vê-te de costas a dizer olá e a dizer adeus.)

Temo pelas abelhas, porque temo por nós. Conhecer gente tem destas coisas: uma abelha a menos, e infiltra-se o amor junto dos grãos de areia de uma ampulheta dramática e barroca. Cronometrados até ao último fôlego de pulmões cheios e felizes... Dói-me. E dói-me pensar-te sob a forma de uma antipartícula suspensa no cosmos, sem ninguém que exista para te dar os parabéns pelas velas sopradas ou pela mensagem de rendição total por parte da tua namorada, que me mostras como prova humilde de que deus existe. E então

ajoelho-me e acredito em deus por ti. Aprendo a rezar um cântico religioso de *heavy metal* com um coro de serafins desleixados, mas inquietantemente bondosos.

Nós somos o que somos porque temos as pessoas que temos. E a nossa existência física é esta corajosa resistência temporária. Como irmãos, sei que nos temos habituado renhidamente um ao outro: somos corteses mesmo quando proferimos insultos, e a cortesia sabe-me sempre a tréguas e a elitismo. Às vezes, sentia que pedíamos licença para nos reconhecermos como família, como mestre e discípulo, como discípulo e mestre, invertendo os papéis ou nivelando-os. Tenho esta coragem amedrontada de te dizer cara a cara que podes mesmo contar comigo. Estas coisas que normalmente não se dizem, esta coisa que espinha por dentro, estalando sótãos de assombros onde tabus e interditos, nascidos das nossas próprias ilusões ancestrais, fazem das tábuas e dos ratos os únicos vestígios de um deus universal envelhecido, rangendo como papões cheios de fome, como bruxas cozinhando infanticídios...

... e eu amo-te. Eu nunca te disse isto antes, porque nunca confiei em mim para me salvar. Querias, portanto, que arriscasse a tua vida, tão negligentemente? Mas quero começar a ser novo agora, antes que as munições venenosas e a consciência aguda deste cancro tomem conta de tudo o que ainda batizo com pronomes possessivos. E antes que seja tudo tão demasiado... tão tarde. (Não somos muito diferentes dos restantes seres humanos, que vivem e sobrevivem neste mundo desajeitado e tão perfeito.)

Tu já sabes. Tu já sabes tudo. Aos poucos é que te vais lembrando das coisas imensas que aprendeste na escola inevitável de pertenceres à espécie humana. E de seres do meu clã. Já sabes que a felicidade não se atinge plenamente, nem a paz global, num mundo frigorífico que empacotou a vulnerabilidade em forma de hambúrguer, gatilhos e poliéster. Já sabes também que deus não existe, deus em maiúscula, mas podes acreditar nele na mesma. Melhor: podes olhar sempre para ele, numa insurreição tão tua contra todos os iconoclastas. Depois explico-te, mais para o fim...

Já escrevi tanto e, mesmo assim, falei tão pouco contigo. Falar mesmo, ler-te por dentro e tu a mim, como folhas de papel vegetal onde decalcamos os nossos elos e halos, os poemas e as músicas que são litânias de bem-aventuranças nossas. Talvez tudo isto tenha sido um esforço magnânimo de te coser as partes do coração, quebrado em unidades tão incrivelmente solitárias. Tudo para te distrair, tudo para te alarmar, tudo para saberes que sangrei por ti, lutei por ti, estudei por ti, chorei também. Tudo para não desanimares

perante esse súbito e imponderado fascínio pela abnegação de um futuro. Porque tudo o que sentes hoje é importante – e está tudo bem contigo, mesmo que todas as cores claras estejam de luto aos teus olhos de choro. Tudo é importante e tudo o que te digo é para saberes que és importante por todas as coisas que vives, moentes nesse ancor retorcido para dentro, na endemia dos destroçados e dos impulsivos.

«You're the last great innocent and that's why I love you...»

... sim, mano, o que realmente importa é que sejas livre. O que realmente interessa é que sejas a tua própria liberdade, mesmo que te sintas peregrinamente guiado às grades dessa gaiola de pássaro, a esses auscultadores que te anestesiaram a dor num fãz-de-conta de embalar, amortecendo-ta com guitarras elétricas e dós sustentidos, desviando-ta das flechas de Cupido (a adolescência tem mais mitos do que toda a literatura pagã) ou das ofensas que cometemos por pensamentos, palavras, atos e ações (isto foi só para te fazer rir. Mas se concluisse dizendo «por minha culpa, por minha tão grande culpa», talvez não estivesse a mentir de todo).

E pronto, não volto a insistir contigo, porque insistências são lâminas posteriores, suores frios a meio da noite, solidão fechada à chave no teu quarto-refúgio, queimaduras de um sol invertido, que mais ninguém vê, porque tu o escondes. Não, mano, não volto a insistir, só insisto em aparecer.

Mas a sério, podes chorar se quiseres.

Podes sempre chorar. Somos sempre recém-nascidos para a eterna novidade do mundo. E os irmãos estão sempre de vigília, para que os nossos disparates nunca deixem de ser esta sublime religião de afetos. E o teu nome é essencial para poder construir a minha poética do sentido, a minha boia de salvação. E lembra-te de uma coisa, meu amigo: não podemos ser perfeitos todos os dias. Inteligentes ou ignorantes, génios ou lorpas, gordos ou magros, luz ou sombra, equilíbrio ou caos. O escândalo reside nisto: esqueceres-te da tua inevitável perfeição nestas coisas que crias, neste milagre autêntico de existires por tudo aquilo que és. Tens o céu dentro de ti – e não é só o céu-da-boca.

E agora deixa que chova. Ouço relâmpagos, tens a pulsação a trovoar soluços e a exasperar faíscas. Será deus que se zangou? Sim, mano, tu também és uma hierofania: porque afinal deus existe e eu estava enganado. Estava redondamente enganado, como

todos os brilhantes sócios do Clube da Imperfeição Genuína. Olha-te ao espelho. Vês como Deus parece cabisbaixo mas sorri misteriosamente enquanto congemina anedotas? E como é galante apesar do cabelo despenteado, das remelas nos olhos de sono e da t-shirt rota no ombro esquerdo?

A culpa não é tua.

A culpa não é nada tua.

(**Banda sonora:** “Perfect” e “Mary Jane”, de Alanis Morissette, *Jagged Little Pill*, Maverick Records, 1995)